

Jornalismo Científico na TV: análise da divulgação de assuntos de ciência nos telejornais

Maria de Lurdes Welter PEREIRA¹

Resumo

Este artigo se propõe a apresentar uma reflexão sobre o jornalismo científico na TV, questionar o espaço dedicado à divulgação da ciência nos telejornais, o interesse dos jornalistas por este tipo de assunto e o preparo dos profissionais para com os temas ligados ao desenvolvimento científico. Também será abordada a dificuldade que repórteres, produtores e editores têm, ao conversar com os cientistas e compreender a importância dos temas de ciência. Como suporte teórico, são adotados conceitos defendidos por pesquisadores em comunicação como Raymond Williams, que classifica a cultura como forma de entender o funcionamento da sociedade e também de modificá-la.

Palavras-chave: Jornalismo científico. Divulgação científica. Ciência. Telejornalismo.

Abstract

This article proposes to present a reflection about the scientific journalism in TV, to question the space dedicated to the disclosure of science in TV news, the interest of journalists for this kind of subject and the preparing of professionals to deal with themes related to scientific development. It will also be discussed the difficulty that reporters, producers and editors have when talking with scientists and to comprehend the importance of science themes. As theoretical support, this article is adopting concepts endorsed by communication researchers as Raymond Williams, who classifies culture as a mode to understand the behavior of society and also change it.

Keywords: Journalism Scientific. Scientific disclosure. Science. Telejournalism.

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Linguagens da Universidade Tuiuti do Paraná - UTP. Integrante do Grupo de Pesquisa: Interações Comunicacionais, Imagens e Culturas Digitais (UTP). E-mail: lurdes@ufpr.br.

Introdução

A preocupação dos profissionais de televisão com a programação é permanente. Eles têm a obrigação de manter atrações que não apenas despertem, mas que prendam a atenção do público com imagens e informações novas e curiosas sejam de entretenimento, jornalísticas e informativas, científicas, de ficção, educativas ou de amenidades. E nos últimos anos, com a popularização da Internet e das mídias sociais, essa busca parece mais evidente e preocupante. Nota-se, principalmente na TV aberta, que as produções passaram a ter uma linguagem mais simples e popular, com assuntos que procuram deixar os noticiários e os programas em geral, mais próximos do dia a dia do público, seja ele de qualquer extrato social. As telenovelas podem ser tomadas como exemplo, uma vez que abordam questões populares, além de comportamento e passaram a questionar os valores humanos. De acordo com Renato Janine Ribeiro, “elas têm papel positivo na transmissão de certos ideais, em especial o da igualdade da mulher ante o homem e da condenação do preconceito e da raça”. (RIBEIRO, Renato Janine, 2002, p. 126). Dominique Wolton afirma que “não é só a realidade que inspira as novelas; são também as novelas que influenciam a realidade por uma espécie de ida e volta entre a ficção e a realidade.” (WOLTON, 1996, p.163).

Mesmo diante da popularização de diversas questões na TV, ainda é pequena a divulgação de assuntos de ciência nos telejornais. Este tipo de reportagem tem sido mais focado em espaços específicos, como o Globo Ciência, da Rede Globo de Televisão² e do Em Tese³, da Universidade Federal do Paraná. Enquanto este artigo estava sendo elaborado, o Globo Ciência foi tirado do ar e as reportagens relacionadas à pesquisa

²Programa inserido em quatro produções do Globo Cidadania, tinha 30 minutos de produções sobre ciência e pesquisas e era mostrado aos sábados, aproximadamente às 06:20.(Consulta na grade de programação).

³ Em Tese é um programa editado pela TV Universitária da Universidade Federal do Paraná, com aproximadamente 30 minutos e consta de entrevistas em estúdio com pesquisadores sobre estudos em andamento ou já concluídos. Grande parte é de estudos realizados na instituição. (Consulta na grade de programação).

passaram a integrar um outro programa chamado Como Será?⁴ que, de acordo com a empresa, irá tratar de assuntos de educação, ecologia, mobilização social, trabalho e inovação. Segundo Wilson da Costa Bueno, pesquisador da Universidade Metodista de São Paulo, “jornalismo científico é contribuição fundamental para a democratização do conhecimento”.(BUENO.2002, p. 53).

Esse baixo interesse em buscar informações de caráter científico pode estar ligado ao fato de que grande parte dos jornalistas não teve formação teórica e nem prática na graduação porque ainda são poucas as faculdades que adotam as disciplinas de ciência e tecnologia nos currículos. Em 2010, de acordo com dados do Sistema de Informações Educacionais do Ensino Superior (SiedSup), havia 375 cursos de Jornalismo no Brasil. (BERNARDO; LEÃO, 2012). E, segundo Graça Caldas, da Universidade Metodista de São Paulo, apenas 10% dos cursos ofertam disciplinas ou conteúdos voltados para o jornalismo científico. A pesquisadora cita algumas exceções como a Escola de Comunicação e Artes da USP, a Universidade Metodista de São Paulo (UMESP) e a Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). A Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) também tem iniciativas neste sentido, inclusive com a manutenção de um centro para a prática da divulgação científica, mas é pouco diante do número de universidades e faculdades formando jornalistas. (CALDAS, 2007)

Outra característica que pode contribuir para a baixa divulgação científica na TV é a falta de preparo nas redações sobre a importância da ciência no jornalismo diário e a repercussão que a divulgação desse tipo de assunto pode trazer. Segundo Fabíola Oliveira, autora do livro “Jornalismo Científico”, o jornalista vai escrevendo tudo o que o cientista fala sem entender muito do que escreve e na hora de redigir o texto, ou repete o que copiou, ou tenta traduzir o que não entendeu. (OLIVEIRA, 2002, p. 48 - 49)

Neste sentido Graça Caldas destaca:

[...] jornalista científico não pode ser pensado como um mero tradutor do discurso científico, mas como um produtor de textos, que saiba contextualizar os fatos e que enxergue além da notícia. O seu compromisso, afinal de contas, é com a sociedade e com o interesse público. (CALDAS, 2007. p. 01)

⁴ Programa semanal da Rede Globo levado ao ar aos sábados, a partir de 09/08/2014 em substituição ao Globo Cidadania, do qual o Globo Ciência fazia parte. (Consulta ao site do programa:<http://redeglobo.globo.com/como-sera/> e a grade de programação da emissora).

Por isso, afirma que conhecimentos básicos de história, sociologia e filosofia da ciência são fundamentais para a formação do jornalista que deseja trabalhar com divulgação científica. Percebemos que a baixa divulgação de temas ligados à ciência na televisão não ocorre por falta de produção científica, porque o número de pesquisadores vem crescendo a cada ano no Brasil. Em 2010 já havia 27.523 grupos de pesquisa registrados no Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e naquele ano, foram diplomados 50,9 mil mestres e doutores, todos com produção científica de ponta (MCTI, 2010). Outro levantamento mostra que nesta questão o Brasil esteve na frente dos demais países latinos. De 2008 a 2010, 56% dos 94.622 artigos científicos produzidos na América Latina, foram de pesquisadores brasileiros, sendo que a maior parte era de cientistas do Estado de São Paulo. Os paulistas publicaram 43.535 artigos em periódicos científicos. (FAPESP, 2011. nº 3).

O público quer conhecer pesquisas

Um estudo desenvolvido em 2012, em São Paulo e na Bahia, pelo Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo da Universidade Estadual de Campinas, sobre a percepção pública da ciência voltada para a área de saúde, revelou que a população deseja mais informações científicas, uma vez que 59% dos pesquisados (1915 homens e mulheres com mais de 16 anos), têm interesse em reportagens científicas. Mas, apesar da vontade de assistir a reportagens e ler textos sobre novas descobertas, só 10% souberam citar o nome de uma instituição que desenvolve pesquisas no Brasil, resultado que pode ser decorrente da baixa divulgação deste tipo de assunto, em especial nos telejornais.

Para Othon Jambeiro, professor de Comunicação da Universidade Federal da Bahia e coordenador da pesquisa, “foi chocante saber que a percepção das pessoas sobre as universidades e os institutos que estão atualmente empenhados em desenvolver pesquisas, é muito reduzida”.

Mesmo que o público não saiba quem são as entidades autoras de estudos científicos, para Warren Burket (1990, p.51), o interesse por notícias de ciência, em especial, as relacionadas com as doenças e também sobre sexo “têm público garantido

porque as pessoas veem a doença como uma ameaça”. Mas, se o consumidor de informação não sabe quem produz tecnologia e ciência, será que o jornalista tem entre as suas fontes, nomes de pesquisadores e amplo conhecimento do que fazem? BURKETT (1990, p. 12-13) afirma que “os jornalistas tendem a procurar os cientistas mais antigos porque já são conhecidos e têm reputação garantida entre a comunidade científica”. Desta forma, “são mais seguros e dispostos a falar”. Cita ainda que os pesquisadores jovens são inseguros, porque podem ser alvo de crítica dos colegas e comprometer a posição na comunidade científica. Nesse contexto, temos então, de um lado, o profissional da comunicação, que ao manter contato com os mesmos pesquisadores, não amplia o leque de assuntos e nem a relação de cientistas. Por outro lado, há o receio do estudioso mais novo em se expor.

Avanço da tecnologia na comunicação

Atualmente há diversas opções de onde divulgar ciência, além da TV e dos jornais impressos. De acordo com Alex Primo (2013, p.30-28) as interações sociais mediadas pelo computador, como os *desktops*, *notebooks*, *smarphones*, *tablets*, aliadas às mídias sociais, *facebook*, *twitter*, aceleraram e deram outra dinâmica ao processo de comunicação. Marialva Barbosa (2013, p. 349) cita Muniz Sodré para falar que essas novas possibilidades começaram a ser sentidas ainda na virada do século que “representou a passagem da comunicação de massa ao mundo chamado por muitos de tecnologias pós-midiáticas” (SODRÉ, 2011, p.11). É uma referência ao avanço das telecomunicações no que diz respeito à interatividade com a multiplicação de possibilidades midiáticas. O autor afirma:

... todas essas transformações são “maturações tecnológicas do avanço científico”, uma vez que a telefonia, a televisão, a computação já existiam anteriormente, havendo tão somente no milênio que se inicia “hibridização e rotinização” desses recursos técnicos. “Hibridizam-se igualmente as velhas formações discursivas (texto, som, imagem) dando margem ao aparecimento do hipertexto e ou hiperímia”. (SODRÉ, 2011, p. 12-13)

Barbosa cita ainda que o avanço da tecnologia alterou também as dimensões de tempo, em especial, na televisão, meio em que as imagens jornalísticas em tempo real passaram a ganhar conotação de ultra-atualidade. E para explicar o que significa e como ocorre a veiculação de fatos gravados e quase que em tempo real, a autora afirma.

... Na televisão, o “ao vivo” é substituído pelo “ultra-atual”, mesmo quando as equipes de jornalismo não têm a possibilidade de estar na cena dos acontecimentos. O público, transformado em produtor da informação, munido com seus celulares que podem filmar as cenas extraordinárias de um mundo em crise, registra minuto a minuto aquilo que choca a sua retina e que poderá vir a chocar outras pessoas, elas também público dos meios de comunicação. As cenas esmaecidas, de pouca qualidade técnica, assumem, neste momento, o padrão de qualidade das emissoras de televisão. O que importa é divulgar o ultra-atual. (BARBOSA, 2013, p. 336).

Essas transformações que foram fortemente sentidas nos últimos 20 anos, seja na TV, no rádio ou na Internet, mostram a importância de desenvolver pesquisas em jornalismo. Para Barbosa (2011, p. 86) a comunicação é hoje o campo mais importante dos estudos da área das humanidades. Segundo a autora, esse lugar de ponta no cenário científico é um dos efeitos das transformações que possibilitaram a desconstrução de ideais tradicionais como de tempo e de espaço. (2001, p. 78).

Para entender melhor os efeitos da televisão e, por consequência, do telejornalismo, fomos buscar em Raymond Williams (2011) informações sobre o desenvolvimento cultural e a evolução tecnológica e percebemos que apesar de a obra “Televisión, Tecnología y Forma Cultural” ter sido escrita na década de 70, quando muitas das tecnologias dominantes hoje ainda não existiam, suas considerações são importantes e aplicadas nos dias atuais. O comparativo entre a televisão dos Estados Unidos e da Grã Bretanha, mostra que o que produzimos hoje, como nossos telejornais são apresentados, as estratégias de conduzir a informação e para atrair a atenção do grande público, são semelhantes às que já vinham sendo realizadas há várias décadas.

Tomemos como exemplo a forma de apresentação das notícias na BBC (televisão pública americana) em estúdio. Williams (2011, p. 67) explica que o

apresentador aparecia arrumando seus papéis (*script*⁵) em plano aberto, para mostrar ao fundo a equipe dos redatores que produziam as notícias. No Brasil é assim ainda hoje com o cenário de diversos telejornais. O Jornal Nacional, o Jornal da Globo, da Rede Globo de Televisão mostram as equipes ao fundo quando a câmera abre para plano aberto. O Jornal Hoje (da mesma emissora), em 2014 ganhou um cenário tecnológico, com painéis que se movimentam e telas que permitem a visualização ao toque das mãos, mas em diversos momentos, os redatores, produtores e pessoal de apoio aparecem ao fundo.



Figura 01 - Cenário do Jornal da Bandeirantes.
Fonte: Portal Uol



Figura 2 - Cenário do Jornal da Record.
Fonte: Portal Uol

⁵É uma reprodução da lauda especial para telejornalismo com espaços próprios para todas as informações necessárias que vão ser usadas na exibição de programas com marcações técnicas e textos jornalísticos.(Paternostro, 1999. P. 117)



Figura 3- Cenária do Jornal Nacional.
Fonte: Portal Uol

No Paraná, os telejornais Paraná TV 1ª e 2ª Edição da Rede Paranaense de Comunicação (RPCTV), também mantiveram por mais de uma década cenário em que a equipe de redação e de repórteres era mostrada trabalhando, durante os telejornais. Outras redes de televisão, como a Record, e a Bandeirantes adotaram cenários no mesmo estilo.

Outra prática que foi muito usada nas cadeias americanas e presente com certa frequência no telejornalismo brasileiro é o comentário, uma espécie de editorial que precede reportagens de determinados assuntos, principalmente de política, economia e de violência. Os jornais “da Globo” e “Bom Dia Brasil” da Rede Globo e o “Fala Brasil” da Record, são produções de telejornalismo que mantêm consultores ou comentaristas. Há ainda os colunistas para assuntos específicos, como economia, que emitem opiniões e fazem críticas quando o assunto é controverso ou dramático. Quando comparamos os telejornais da atualidade ou como cita a pesquisadora e autora Marialva Barbosa, da época da ultra-atualidade, com a obra de Williams, percebemos que, apesar do avanço contínuo da tecnologia, da melhoria na captação e na qualidade da imagem exibida, que já chegou ao sinal digital⁶, ainda temos a forma de produzir e mostrar a notícia muito semelhante às de décadas passadas, tanto nos Estados Unidos, como no Reino Unido. O texto e a maneira do apresentador se reportar ao público ficaram mais

⁶“*Full High Definition*”, é a TV de alta definição. No Paraná várias emissoras transmitem parte da programação em alta definição, um sinal com mais resolução e qualidade. A Rede Paranaense de Comunicação, por exemplo, tem oito emissoras transmitindo a programação de jornalismo em sinal digital. O processo de instalação de novos equipamentos para exibição em Full HD começou em 2012 e terminou poucos dias antes da abertura da Copa do Mundo no Brasil em 12/06/2014. De acordo com o gerente de operações do Jornalismo, Rubens Vandresen, é a única emissora do Paraná a ter toda a programação em sinal digital. (VANDRESEN, Rubens.(07/ 2014, em depoimento à autora).

informais. Os apresentadores e repórteres querem se aproximar mais do telespectador. Para Camila Peres Gonçalves da Silva em artigo publicado na Revista Eletrônica Temática (2009), a linguagem adotada e a forma como os apresentadores olham para a câmera “os tornam íntimos de quem os assiste, fortalecendo assim a credibilidade das notícias que são apresentadas”. Já Barbeiro e Lima (2002, p. 76), destacam que o apresentador “integra um processo para contar a uma parte da sociedade o que a outra está fazendo. “Não é a estrela do telejornal, mas é o rosto mais conhecido e familiar do telespectador”.

Reconfigurando as formas culturais

De acordo com Williams, a televisão nasceu da reconfiguração de diversas formas culturais, “como o jornal, a reunião pública, a sala de aula, o teatro, o cinema, as atividades desportivas, as colunas de publicidade e os outdoors.” (2011, p.63). O que houve, segundo o autor, foi a adaptação dessas formas herdadas com as novas tecnologias, e em muitos casos, ocorreram mudanças significativas e diferenças qualitativas. Mas esse desenvolvimento teve origem em outras formas culturais ainda anteriores e, neste caso, Williams cita a notícia, a educação, o teatro dramático, os filmes, o teatro de variedades, os esportes, a publicidade e o passatempo (programas de entretenimento envolvendo disputas e jogos). “Evidentemente a televisão tem dependido em alto grau de formas existentes e a sua principal inovação tem sido a sua extensão que pode ser tanto qualitativa quanto quantitativa.” (2011, p. 97).

Quanto à produção de novas formas culturais, o autor afirma que raramente se produz uma inovação absoluta, mas, mesmo assim, a evolução da TV foi precursora de algumas formas que podem ser incluídas como novas, como o documentário dramático, a tele-educação (aulas pela TV), discussão (debates na TV), programas especiais (documentários), séries e a própria televisão. O pesquisador afirma ainda que:

[...] O meio que se tem usado para tantas vezes transmitir e reelaborar formas herdadas, tem estado tantas vezes dominado pela pressão do conteúdo que, com frequência é difícil responder a algumas de suas experiências visuais intrínsecas, para as quais não se tem desenvolvido, nem oferecido formas, nem modo de descrevê-las. Contudo, em muitas classes de programas, há

momentos em que nos encontramos vindo de maneira que nos parecem totalmente novas. (WILLIAMS. 2011, p.103).

As formas culturais e a divulgação científica

Tendo visto que Williams analisa a televisão como resultado de uma reconfiguração de formas culturais herdadas e também das formas geradas pela própria TV, nos perguntamos em qual, ou em quais dessas formas estaria o jornalismo científico, o foco principal do presente estudo? Entendemos que a propagação de notícias de ciência e o desenvolvimento de novas tecnologias podem estar enquadrados em educação, séries especiais, na notícia e no que a própria TV recria. Porém, para que isso venha a ocorrer e que a divulgação dos fatos científicos seja ampliada, deve ser extremamente necessário que os profissionais da área pensem culturalmente sobre a importância da pesquisa para o público em geral, para os diversos segmentos de telespectadores e que exista nas redações um sentimento dominante sobre a importância da ciência para a vida da coletividade.

Para entender um pouco melhor como se dá esse processo, buscamos a definição de cultura, que de acordo com Williams, pode ser abordada como um sistema de vida no seu aspecto material, intelectual e espiritual ou pode representar também “significados comuns, o produto de um povo”. (WILLIAMS, 1989, p.8.) Dominique Wolton (1996, p.227) também se preocupou com a importância da cultura e tem definições parecidas com as de Williams, principalmente quando pensamos na produção e disseminação dos conteúdos pela TV. O pesquisador enfatiza:

...televisão não é unicamente um instrumento de difusão da cultura de grande público, ela é também, pelo menos por enquanto, local de produção dessa cultura de massa ou média, dessa cultura, que constitui realmente a infraestrutura do nosso modo de vida, assim como da informação, do lazer, da educação, da política, dos jogos, das variedades e do cinema. (WOLTON, 1996, p.227)

Wolton cita ainda outros três tipos de relações entre cultura e televisão, entre elas a de que a TV é “a principal voz de acesso à cultura minoritária, desde que o público saiba que se trata apenas de uma via de acesso”. O outro é sobre a TV cultural paga, “destinada a um público que tem dinheiro, chamado de elite cultural.” Para o

pesquisador “a televisão cultural paga diria em alto e bom som aquilo que uma televisão gratuita só diria em voz baixa, camuflada por trás de um discurso pretensamente democrático.” O terceiro aspecto na visão de Wolton é o distanciamento entre cultura minoritária e cultura média. Com a frase “a televisão não é a mãe de todas as culturas, nem de todas as comunicações (WOLTON, 1996, p.228) o autor afirma que é necessário desenvolver outras práticas de comunicação independentes da televisão para a cultura minoritária.” Por isso, entendemos que se queremos gerar novas apropriações culturais necessitamos dar vazão e importância a essa cultura minoritária.

Para analisar como se dão esses mecanismos, voltamos a Williams, que pesquisou a programação e o fluxo (sequência ou conjunto de sequências alternativas) dos programas em emissoras de TV americanas e do Reino Unido. E, para isso, fez um levantamento sobre a distribuição dos assuntos na programação de cinco canais (dois dos Estados Unidos e três da Grã Bretanha⁷). Durante uma semana, em março de 1973, Williams analisou os programas e concluiu que a TV pública era a que mais se dedicava a produzir programas envolvendo escolas, institutos e universidades, que consideramos como pólos geradores de assuntos científicos e, portanto, o objeto principal do nosso estudo. As três emissoras públicas (BBC1, BBC2 de Londres e KQED, dos Estados Unidos) veicularam 17,9 16,5 e 18,5 horas (respectivamente), de assuntos relacionados com universidades institutos e escolas. Uma das cadeias comerciais (Anglia, da Inglaterra) teve 10,7 horas de programação relacionada com escolas, institutos e universidades, 5,8 horas a menos do que a emissora pública que teve o menor número de horas dedicadas a esses segmentos. Já a segunda TV comercial analisada, (Canal 7- ABC, dos Estados Unidos), não veiculou nada sobre esses assuntos durante a semana analisada. Educação, outra área relacionada com assuntos científicos, teve 22, 18 e 24 horas nas emissoras públicas e 12 e 2,9 horas nas comerciais. (WILLIAMS, 2011, p.109).

Se fizermos uma comparação do levantamento de Williams com os dois programas objetos desse estudo, o Globo Ciência, da Rede Globo de Televisão, uma emissora comercial e o Em Tese da UFPR TV, uma emissora universitária e pública,

⁷ Canais pesquisados: BBC1 e BBC2 (Londres) IBA, Anglia de Norwich, KQED (televisão pública) e Canal 7 (ABC), ambas de Los Angeles (EUA).

teremos uma grande diferença do tempo de produção e exibição. Os dois programas em análise têm juntos uma hora de divulgação científica por semana. A emissora que menos divulgou assuntos relacionados com ciência, pesquisa e educação no levantamento de Williams, tinha quase duas horas a mais ao longo de uma semana (em 1973), do que os dois programas brasileiros, 41 anos depois. No nosso caso, tanto a pública como a privada mantém espaço semelhante para este tipo de assunto, enquanto que na pesquisa de Williams as emissoras públicas foram as que mais se preocuparam com assuntos relacionados com universidades, institutos, escolas e educação.

Com a tecnologia em desenvolvimento e a popularização das mídias sociais, tornou-se mais importante analisar a necessidade dos meios de comunicação tradicionais se reinventarem. No caso da televisão, essa reinvenção é uma necessidade quase permanente. Segundo Dominique Wolton, “é preciso ser moderno e empreendedor, inventar a televisão de amanhã e parar de se esconder atrás de um projeto de televisão, cuja superada sedução tudo deve à nostalgia. Para o autor, “a ideia dominante do modernismo em voga é, portanto, promover uma televisão que satisfaça a dois objetivos simples: informação e programas espetaculares, capazes de proporcionar uma boa audiência.” (WOLTON, 1996, p.35). Essas afirmações são baseadas no fato de que o autor considera a TV como a “única atividade a fazer ligação igualitária entre pobres e ricos, jovens e velhos, rurais e urbanos, entre cultos e menos cultos”. É o consumo individual de uma atividade coletiva, porque tudo é organizado numa escala de massa. (WOLTON, 1996, p.16).

Falta de espaço na TV leva jornalistas científicos para a Web

Enquanto o jornalismo de televisão e os jornais impressos passaram a dar mais espaço para o imediatismo e para o “ultra-atual”, como destaca (BARBOSA, 2013, p.336), dois artigos recentes publicados pela Agência Fapesp mostram que a alternativa encontrada por jornalistas especializados em jornalismo científico tem sido a criação de *blogs* científicos, como forma de recuperar um espaço editorial perdido na mídia impressa e na TV, um fenômeno que, de acordo com Juliana Santos Botelho, da

Coordenadoria de Comunicação Científica da Universidade Federal de Minas Gerais, não é sentido apenas no Brasil, mas em vários países.

A pesquisadora, que fez palestra na 13ª Conferência Internacional sobre Ciência, Comunicação Pública e Tecnologia em maio de 2014, em Salvador (Bahia), afirma que está havendo muitas demissões de jornalistas, o que chamou de “crise no jornalismo mundial”. Acredita que em parte, essas demissões sejam causadas pela convergência para as novas plataformas digitais. Botelho realizou um estudo sobre 150 *blogs* no Brasil e constatou um aumento de publicações científicas neste tipo de mídia. A autora contribui para esse aumento, já que mantém o blog Diálogos com Ciência.

O crescimento de publicações de pesquisa em sites especializados e em *blogs* foi assunto também na 8ª Conferência Mundial de Jornalistas Científicos, realizada em 2013 em Helsinque (Finlândia), com a participação de jornalistas especializados em Ciência de 50 países. De acordo com a Agência FAPESP, a Web se consolida como um importante canal de atuação profissional para jornalistas que escrevem sobre ciência. Segundo a publicação de Jussara Mangini (02/08/2013), além de habilidades técnicas para trabalhar com equipamentos e ferramentas de multimídia; e de criatividade para produzir conteúdos, os blogueiros científicos devem criar uma nova lógica de relacionamento com o público.

Pesquisa “quase” esquecida na cerimônia de abertura da Copa do Mundo

Podemos tomar como exemplo da falta de interesse e a ausência de uma cultura para com a divulgação científica, o recente episódio ocorrido na solenidade de abertura da Copa do Mundo do Brasil em São Paulo em 12/06/2014. A exibição pública pela TV do paraplégico, Juliano Pinto (29 anos) vestindo o exoesqueleto (estrutura metálica que dá sustentação ao corpo e reage a comandos do cérebro para andar e chutar) teve menos de dois segundos filmados. As câmeras da empresa contratada pela Federação Internacional de Futebol (FIFA) gravaram apenas a cena no momento em que a bola chutada pelo paraplégico já estava em movimento. Segundo o neurocirurgião e pesquisador brasileiro Miguel Nicolelis, a FIFA, entidade responsável pela realização e filmagem de toda solenidade, havia acertado que seriam transmitidos 29 segundos do

feito inédito, mas a demonstração foi mais rápida, durou 16 segundos e, ainda assim só foram gravados sete segundos, mas os momentos mais importantes não foram mostrados. Horas depois, o neurocientista reclamou: “pelo visto a FIFA não estava preparada para filmar esse momento histórico” (Portal UOL, 12/06/2014). O protagonista da situação também lamentou a falta de importância dedicada ao resultado do estudo. Em entrevista ao portalG1 (18/06/2014), Juliano disse que teve uma sensação de “desgosto”, porque a demonstração foi realizada na beira do campo e não na parte central onde o experimento poderia ser visto por todos os presentes ao evento e também teria mais visibilidade pela televisão. Ao portal, responsáveis pelo comitê organizador da cerimônia informaram que a experiência não foi realizada no meio da arena porque o peso do exoesqueleto (entre 70 e 80 quilos) poderia prejudicar o gramado.

Nas imagens transmitidas para o Mundo não foi possível ver como o jovem chegou ao estádio, a preparação para chutar a bola, os movimentos que realizou, a velocidade, a reação e nem mesmo o começo da cena. A experiência passou ainda mais despercebida porque a emissora que comprou os direitos de transmissão da Copa do Mundo no Brasil, dividiu a tela, naquele exato momento para mostrar a chegada da seleção brasileira ao estádio. Essa demonstração estava sendo anunciada e, inclusive fazia parte da programação oficial da FIFA.

O projeto “Andar de Novo” já dura treze anos e vem sendo cogitado como a grande esperança para que paraplégicos (que em geral perderam os movimentos por causa de acidentes que causaram lesões na medula) possam voltar a andar. Oito deles estão realizando os testes. A divulgação das imagens (em tempo real) seria uma forma de valorizar diante de milhares de expectadores e do público presente no estádio, a ciência, o trabalho dos pesquisadores, os benefícios do estudo para os paraplégicos e, ainda prestar conta dos recursos de R\$ 33 milhões investidos pelo Ministério de Ciência, Tecnologia e Inovação.

Como percebemos, parece haver certo descaso no que tange à divulgação da ciência. Sobre os espaços dedicados a esse tipo de assunto na televisão, BURKETT (1990, p. 214) afirma que quando existem emissoras que mantêm produções de ciência nas programações, estas são previstas para serem mostradas nos horários em que o nível de audiência é baixo. “Seria uma alternativa para preencher espaços fracos e ociosos”.

Essa afirmação de Burkett vem de encontro com a necessidade de criar uma nova cultura ou recriar formas culturais para essa falta de apelo relacionada à ciência nas redações. Esse fato, de acordo com o autor, “contribui para uma dolorida frustração entre os redatores de ciência e os cientistas, que veem a televisão como uma maneira afetiva de ensinar a respeito da ciência para as pessoas.” (BURKETT, 1990, p.214).

Relatos como esses fazem lembrar o horário em que o programa Globo Ciência, um dos objetos de estudo, era levado ao ar pela Rede Globo de Televisão. As reportagens sobre pesquisas eram mostradas às 06h20min da manhã de sábado e, o programa que substituiu o Globo Ciência começa ainda mais cedo, às 06:00. Não vamos citar índices de audiência neste horário, mas é bem claro que, em fins de semana, quando os telespectadores que trabalham ou estudam querem descansar ou aproveitam para realizar atividades de lazer, esses índices de audiência sejam baixos, se comparados com outros períodos. Já o “Em Tese” exibido pela TV pública (UFPR) tem estreias nas quartas-feiras às 21 horas.

Um dos exemplos que certamente pode ajudar a reduzir a distância existente entre a divulgação científica e os pesquisadores geradores de conhecimento, assim como valorizar o jornalismo voltado para a ciência, é o trabalho que está sendo desenvolvido no Centro de Comunicação da Universidade Federal de Minas Gerais (Cedecom). Nesta unidade está a Coordenadoria de Comunicação Científica, preocupada em mostrar as pesquisas concluídas e também em andamento na UFMG. Além de divulgação, a unidade que tem núcleos de rádio, televisão, *web* e comunicação integrada, possibilita a atuação de estudantes de graduação em Jornalismo, permitindo que as novas gerações de profissionais tenham cultura e uma nova visão sobre a importância de trabalhar a pesquisa no telejornalismo.

Segundo Valéria Raimundo, diretora geral do Cedecom, em reportagem apresentada no programa Globo Universidade da Rede Globo de Televisão (10/08/2013), para que o conhecimento não fique concentrado apenas na academia, é preciso esforço e dedicação dos profissionais em levar o conhecimento à comunidade que está fora da universidade. Raimundo afirma que “a importância da comunicação não é só divulgar pesquisas e projetos, mas dar um retorno para a sociedade do ponto de vista de conhecimento”.

Conclusão

Diante de todas essas considerações, percebemos que o espaço para a divulgação de assuntos de ciência é reduzido, seja na mídia impressa ou eletrônica. O que existe são tentativas em algumas universidades com o objetivo de popularizar o jornalismo científico e iniciar essa prática ainda no ambiente acadêmico, como a UFMG, a USP, UNICAMP e UMESP. Embora os temas factuais sejam crescentes, especialmente no que tange à violência, conclui-se que as emissoras de televisão abertas não têm dedicado mais espaço na programação e nos telejornais para o jornalismo científico, porque os profissionais não pensam culturalmente sobre esse tipo de divulgação. Ainda falta nas redações um sentimento cultural dominante, voltado para a importância e benefícios da ciência para o País.

Referências

BARBEIRO, Herodoto; LIMA, Paulo Rodolfo de. **Manual de telejornalismo para rádio, TV e novas mídias**. Campus, 2002

BARBOSA, Marialva. **História da comunicação no Brasil**. Rio de Janeiro, Vozes, 2013.

BARBOSA, Marialva; MORAES, Osvando J. de. **Quem tem medo da pesquisa empírica?** São Paulo, Intercom 2011.

BERNARDO, Cristiane Hengler Corrêa; LEÃO, Inara Barbosa. **Análise das matrizes curriculares dos cursos de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo no Brasil: um retrato da realidade nacional**. Revista Intercom, vol, 35, jan/jun 2012.
Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S180958442012000100013&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em: 18/06/14

BOTELHO, Juliana. **Crise no jornalismo estimula aumento de blogs científicos**. FAPESP, Agência. Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo. 22/05/2014. Disponível em: <<http://agencia.fapesp.br/19138>>. Acesso em: 21/06/14

BUENO, Wilson da Costa, apud OLIVEIRA, Fabíola de. **Jornalismo científico**. São Paulo, Contexto, 2002.

BURKETT, Warren. **Jornalismo científico: como escrever sobre ciência, medicina e alta tecnologia para os meios de comunicação.** Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1990.

CALDAS, Graça. **A formação do jornalista científico.** Portal do jornalismo científico. 2007, nº 01. Disponível em <<http://www.jornalismocientifico.com.br/jornalismocientifico/newsletter/news1/opiniaio.htm>>.

Acesso em 21/06/14/

FAPESP, **Boletim. Indicadores Fapesp de ciência, tecnologia e inovação.** São Paulo, nov.2011, bol 3. Disponível em: <www.fapesp.br/indicadores/boletim3pdf>. Acesso em 29/09/2014

JAMBEIRO, Othon, apud TOLEDO, Carolina Rosseti de. **Dois novos estudos, um da Unicamp e outro da Academia de Ciências da Bahia, ampliam a compreensão sobre a percepção pública da ciência no País.** Revista Pesquisa FAPESP.03/2014, ed.217. Disponível em: <revistapesquisa.fapesp.br/2014/03/10>. Acesso em: 21/06/14.

RIBEIRO, Renato Janine, apud PEREIRA JR, Luiz César. **A vida com a TV (o poder da televisão no cotidiano).** São Paulo, Câmara Brasileira do Livro, 2002.

REDE GLOBO DE TELEVISÃO. **Globo Universidade.** 10/08/2013. Texto disponível em: <redeglobo.globo.com> Acesso em: 21/06/14

MANGINI, Jussara. **Mudanças e oportunidades no jornalismo científico.**FAPESP, 02/08/2013. Disponível em: <<http://agencia.fapesp.br/17649>>. Acesso em 02/08/2014.

MARQUIONI, Carlos Eduardo. **TV Interativa Brasileira: redefinições culturais e interrelações midiáticas em tempos de migração tecnológica (recurso eletrônico),** apud WILLIAMS, Raymond. Culture, Democracy, Socialism. p. 3-18. Londres: Verso, 1989. Tese de Doutorado em Comunicações e Linguagens da Universidade Tuiuti do Paraná. 2012.

MINISTÉRIO DA CIÊNCIA TECNOLOGIA E INOVAÇÃO. 2010. Site: <www.senado.gov.br/noticias/jornal/emdiscussao. Revista de Audiência Pública do Senado Federal, setembro, 2012>. Acesso em 02/08/2014.

OLIVEIRA, Fabíola de. **Jornalismo científico.** São Paulo, Contexto, 2002.

PATERNOSTRO, Vera Iris. **O Texto na TV: manual de telejornalismo.** Rio de Janeiro, Elsevier, 1999.

PORTAL DE NOTÍCIAS, UOL 12/06/2014. Disponível em: <<http://noticias.uol.com.br/ciencia/ultimas-noticias/redacao/2014/06/12/paraplegico-anda-com-exoesqueleto-de-nicolelis-e-da-chute-na-copa.htm>> Acesso em: 21/06/14.

PRIMO, Alex. **Interações em rede.** Porto Alegre, Editora Sulina, 2013.

RAIMUNDO, Valéria. **Trabalho realizado pelo Cedecom facilita acesso a conteúdos científicos.** Programa Globo Universidade, exibido em 10/08/2013 e disponível em: <www.globouniversidade.com.br> . Acesso em: 23/06/14

REDE GLOBO DE TELEVISÃO. 2014. **Como será?**
<<http://redeglobo.globo.com/como-sera/noticia/2014/07/conheca-o-novo-programa-da-grade-da-globo-como-sera.html>>. Acesso em: 22/06/14

SILVA, Camila Peres Gonçalves da. **Âncora:** posturas e evoluções de uma atividade jornalística. Revista Eletrônica Temática, Ano V, nº 6, junho, 2009. Disponível em www.insite.pro.br/index2.htm. Acesso em: 21/06/14

SPORTV News, **Portal G1– Esportes**(da Rede Globo de Televisão), 18/08/2014. Disponível em: <<http://sportv.globo.com/site/programas/sportv-news/noticia/2014/06/paraplegico-que-usou-exoesqueleto-lamenta-pouco-destaque-na-abertura.html>>. Acesso em: 21/06/14

SODRÉ, Muniz. **Antropológica do espelho:** Uma teoria da comunicação linear e em rede. Petrópolis. Vozes, 2011.

VANDRESEN, Rubens. (07/2014). Gerente de Operações da RPCTV.

WILLIAMS, Raymond. **Televisión tecnologia y forma cultural.** Buenos Aires, Paidós, 2011.

WOLTON, Dominique. **Elogio do grande público:** uma teoria crítica da televisão. São Paulo, 1996.